



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO PSICOLOGIA FORENSE

**PERFIS DE HOMENS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS E FATORES DE RISCO
DINÂMICOS: UM ESTUDO NUMA AMOSTRA DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de
mestre em Psicologia Forense, orientada pelo Professor Doutor Nélcio Brazão

Joana Pereira Brotas

2024

www.ulusofona.pt

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO PSICOLOGIA FORENSE

**PERFIS DE HOMENS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS E FATORES DE RISCO
DINÂMICOS: UM ESTUDO NUMA AMOSTRA DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 12/01/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 523/2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutora Patrícia Figueiredo

Arguente: Prof. Doutora Carolina da Motta
(Universidade Lusófona)

Orientador: Prof. Doutor Nélcio Brazão

Joana Pereira Brotas

2024

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer ao Professor Doutor Nélcio Brazão por todo o apoio, compreensão e paciência que demonstrou ao longo deste percurso. Não foi um percurso fácil para mim e o professor demonstrou-se sempre disponível para apoiar mesmo merecendo melhor. Para além de um grande profissional é uma excelente pessoa. Só lhe tenho a agradecer por tudo. Não seria possível sem si e não haveria orientador com tanta paciência como o professor. Obrigada por não desistir de mim!

Aos meus amigos e colegas: Inês Pereira, Raquel Morais e Gonçalo Jorge. Por estarem presentes. Convosco pude partilhar algumas das minhas fragilidades enquanto ser humano. Obrigada pela motivação, pela troca de ideias, por me incentivarem a acreditar em mim, por ouvirem os meus desabafos e por me aconselharem.

Ao meu namorado e amigos, por me apoiarem da melhor forma que conseguiram.

Por fim, agradeço aos meus pais. Espero que seja um motivo de orgulho para vocês.

Resumo

Este estudo teve como objetivos avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários do sexo masculino, bem como investigar a existência de perfis de homens sexualmente agressivos, e averiguar se existiam diferenças entre esses perfis no endosso de sintomas psicopatológicos, mitos sobre a violência sexual (VS), dificuldades de regulação emocional e na intimidade. A amostra foi constituída por 258 estudantes universitários heterossexuais, dos quais 45% reportaram ter recorrido, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas. Foram encontrados dois perfis de homens sexualmente agressivos: Homens que recorrem maioritariamente à coação sexual; e Homens que recorrem frequentemente às três estratégias (i.e., coação sexual, abuso sexual e força física). Os resultados demonstraram não existir diferenças significativas entre os perfis nos sintomas psicopatológicos, mitos sobre VS, dificuldades na intimidade e na maioria das dificuldades de regulação emocional. No entanto, os perfis distinguiram-se no Controlo dos Impulsos, sendo que os homens que recorrem frequentemente às três estratégias apresentaram mais dificuldades a este nível, comparativamente aos homens que recorrem maioritariamente à coação sexual. Estes resultados sublinham a importância da implementação de programas de prevenção da VS em contexto universitário, focados nos tópicos sobre sexualidade, VS e fatores de risco dinâmicos.

Palavras-chave: Estudantes universitários do sexo masculino; Fatores de risco dinâmicos; Perfis; Prevalência; Violência sexual.

Abstract

This study was aimed to assess the prevalence of sexually aggressive behaviors among male college students, as well as to investigate different profiles of sexually aggressive men and to test for differences between those profiles in psychopathological symptoms, rape myths, difficulties in emotion regulation and intimacy. The sample comprised 258 heterosexual university students. From these participants, 45% reported using sexually aggressive behaviors. Two profiles of sexually aggressive men were found: (1) Men who mostly resort to sexual coercion, and (2) men who resort to all three strategies (i.e., sexual coercion, sexual abuse, and physical force). The results showed no significant differences between the profiles in psychopathological symptoms, rape myths, intimacy, and most emotion regulation difficulties. However, differences were found in Impulse Control, with men who use all three strategies experiencing more difficulties at this level compared to men who mostly resort to sexual coercion. These findings stress the need of delivering sexual violence prevention programs in college campuses, focused on topics related to sexuality, sexual violence, and dynamic risk factors.

Keywords: Dynamic risk factors; Male university students; Profiles; Sexual violence.

Lista de abreviaturas e siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

BSI – *Brief Symptom Inventory* (Inventário de Sintomas Psicopatológicos)

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica

DERS – *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (Escala de Dificuldades de Regulação Emocional)

ECVS – Escala de Crenças sobre Violência Sexual

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

SABS – *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Escala de comportamentos sexualmente agressivos)

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

VS – Violência Sexual

WHO – *World Health Organization* (Organização Mundial de Saúde)

Índice Geral

Índice de Tabelas.....	8
Introdução.....	9
Metodologia.....	13
1. Participantes.....	13
2. Instrumentos.....	14
2.1. Questionário sociodemográfico.....	14
2.2. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS).....	14
2.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS).....	15
2.4. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).....	15
2.5. Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (DERS).....	16
2.6. Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR).....	17
3. Procedimentos de investigação.....	17
4. Análise de dados.....	18
Resultados.....	18
1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos.....	18
2. Existência de perfis de homens sexualmente agressivos.....	19
3. Diferenças entre os perfis nos fatores de risco dinâmicos.....	20
3.1. Sintomas Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual.....	21
3.2. Dificuldades na Regulação Emocional.....	22
3.3. Grau de Intimidade Percecionado.....	22
Discussão.....	23
Referências.....	26

Índice de Tabelas

Tabela 1	14
Caracterização sociodemográfica dos participantes	
Tabela 2	19
Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS	
Tabela 3	20
Perfis de homens sexualmente agressivos	
Tabela 4	20
Diferenças dos perfis na utilização de estratégias sexualmente agressivas	
Tabela 5	21
Diferenças entre os perfis nos sintomas psicopatológicos e nos mitos sobre a VS	
Tabela 6	22
Diferenças entre os perfis nas dificuldades de regulação emocional	
Tabela 7	22
Diferenças entre os perfis nas dificuldades na intimidade	

Introdução

Violência sexual (VS) abrange qualquer ato sexual consumado ou tentado direcionado contra a sexualidade de uma pessoa, por meio de coação ou quando a pessoa se encontra incapaz de consentir ou recusar os atos sexuais (e.g., a vítima encontra-se embriagada, drogada, adormecida ou mentalmente incapacitada; Breiding et al., 2015; Garcia-Moreno et. al., 2012; WHO, 2019). A VS pode incluir experiências sexuais indesejadas com ou sem contacto físico; penetração com recurso à pressão verbal, à intimidação, ameaças, chantagem ou uso indevido da autoridade; atos facilitados pelo consumo de álcool/drogas em que a vítima é penetrada ou é levada a penetrar o perpetrador ou outra pessoa; ou atos com recurso à força física em que a vítima é penetrada ou é levada a penetrar o perpetrador ou outra pessoa (Breiding et al., 2015). A VS pode ser perpetrada por qualquer pessoa independentemente da relação que tem com a vítima, em qualquer contexto (Garcia-Moreno et. al., 2012; WHO, 2019).

A VS é considerada um problema de saúde pública devido às diversas consequências físicas e/ou psicológicas nas vítimas, que podem ser de curto a longo prazo, sendo ainda desconhecidas à escala global as taxas de prevalência e os custos totais associados à VS (Fedina et al., 2016; Krug et al., 2002; Littleton & DiLillo, 2021). No entanto, sabe-se que a VS é perpetrada maioritariamente por homens contra mulheres e que, globalmente, cerca de uma em cada três mulheres (35.6%) foram vítimas de VS (WHO, 2019, 2021). Nos Estados Unidos, 43.6% das mulheres já experienciaram algum tipo de VS durante a sua vida, com 37% a reportar contacto sexual indesejado, 21.3% a reportar violação na forma tentada ou consumada, 16% a experienciar coação sexual (e.g., pressão sexual) e 1.2% das mulheres foram levadas a penetrar outra pessoa (Smith et al., 2018).

Em Portugal, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2019), o número de crimes sexuais registados teve um aumento de 130% entre 2013 e 2018, dos quais 92% das vítimas foram mulheres e 94% dos crimes sexuais foram perpetrados por homens. O Relatório Anual de Segurança Interna reporta dados semelhantes, demonstrando que, em 2020, 92.9% dos arguidos por abuso sexual de crianças e 99.1% dos arguidos por violação são do sexo masculino, observando-se um índice bastante representativo no escalão etário 19-30 anos, tanto para o abuso sexual de crianças como para a violação (20.4% e 26.2%, respetivamente; Sistema de Segurança Interna, 2021).

Contudo, estes dados sobre a VS devem ser interpretados com cautela, visto que muitas mulheres vítimas de VS têm dificuldade em revelar a experiência de vitimação devido a vários fatores como o medo, a vergonha, a culpa, entre outros (Dartnall & Jewkes, 2013; Stoner &

Cramer, 2017; WHO, 2021). Para além disso, os perpetradores podem não reconhecer o seu comportamento como sendo violento ou criminoso. Acresce ainda que estes comportamentos podem ser considerados normativos pelos próprios e pelos seus pares, o que poderá facilitar a VS e contribuir para a sua subreportação (Anderson et al., 2019; Carvalho & Sá, 2020).

Estas questões são comuns no contexto universitário, dado que a VS se constitui como uma das formas mais comuns de violência entre estudantes universitários, sendo que o perpetrador normalmente identificado é do sexo masculino (Campbell et al, 2017; Departamento de Justiça dos EUA, 2017; Halstead et al., 2017). Devido à elevada prevalência de VS na população universitária, a investigação neste âmbito tem sido crescente, demonstrando ser uma população de risco não só para a vitimação como para a perpetração da VS (e.g., Anderson et al., 2019; Blanco et al., 2021).

Uma revisão sistemática de Anderson et al. (2019) sobre a prevalência da perpetração da VS em estudantes universitários do sexo masculino encontrou uma taxa média de perpetração de 29.3%, variando entre 6.7 e 92% nos diferentes estudos. Relativamente aos diferentes comportamentos de VS, esta mesma revisão encontrou uma taxa de prevalência média de 19% para a coação sexual e 6.5% para a violação, sendo que as taxas variaram entre 4.5-49.3% e 0.0-29.2%, respetivamente (Anderson et al., 2019). Num outro estudo (Anderson et al., 2017), 13.4% da amostra de estudantes universitários do sexo masculino reportou ter perpetrado VS no último ano, com a violação (7.5%) a ser o tipo de comportamento mais reportado, seguindo-se a coação sexual com 3.2% e o contacto sexual indesejado com 2.7%. No mesmo sentido, um estudo realizado em Portugal com uma amostra de estudantes universitários do sexo masculino constatou que 52.6% dos participantes reportou ter perpetrado comportamentos sexualmente agressivos, dos quais 87.7% se enquadravam na categoria de coação sexual, 41.4% na categoria de abuso sexual e 7.4% na categoria de força física (Carvalho & Sá, 2020).

A coação sexual e o abuso sexual são estratégias sexualmente agressivas intituladas por estratégias *hands-off*, sendo que a coação sexual é uma tática verbal/psicológica que inclui a manipulação, chantagem e ameaças (e.g., ameaçar que vai terminar o relacionamento), insultos, demonstrar desagrado, questionar a sexualidade da pessoa, mentir, pressão verbal, entre outros (Carvalho & Sá, 2020; Oswald & Russell, 2006; Schatzel-Murphy et al., 2009; Sigre-Leirós et al., 2012). O abuso sexual também tem o mesmo propósito, mas corresponde à utilização da posição de poder ou autoridade por parte do perpetrador para iniciar ou manter o contacto sexual (Carvalho & Sá, 2020). O aproveitamento do estado de intoxicação da vítima (alcoólica ou de

substâncias) também pode constituir abuso sexual e a literatura tem demonstrado que é uma das principais estratégias sexualmente agressivas utilizadas pelos estudantes universitários (Bhochhibhoya et al., 2019; Brennan et al., 2018; LaBrie et al., 2014; Ray et al., 2018; Sigre-Leirós et al., 2012).

As estratégias supramencionadas são as mais utilizadas pelos estudantes universitários do sexo masculino, uma vez que são socialmente mais aceites entre os estudantes em comparação com a utilização da força física (estratégia *hands-on*) que, por ser uma estratégia que recorre às ameaças de dano físico e/ou uso da força física, aumenta a probabilidade da sua denúncia (Carvalho & Sá, 2020; Clay-Warner & McMahon-Howard, 2009; Sigre-Leirós et al., 2012; Warkentin & Gidycz, 2007). Observa-se o contrário para estratégias *hands-off* que, por serem menos repreensíveis tanto pela vítima como pelo perpetrador, podem permanecer não denunciadas, o que pode contribuir para a manutenção e escalada da VS (Carvalho & Sá, 2020; Finchelescu & Dugard, 2018; Wilson & Miller 2016).

Esta manutenção e escalada da VS podem ser explicadas por fatores de risco, que são variáveis pessoais e sociais do perpetrador que contribuem para o aumento da probabilidade da VS, sendo que estão divididos em fatores de risco estáticos e fatores de risco dinâmicos. Os fatores de risco estáticos não são sensíveis à mudança (e.g., antecedentes criminais), enquanto os fatores de risco dinâmicos, através de uma intervenção apropriada, podem ser modificáveis (Martínez-Catena et al., 2016; van den Berg et al., 2018; van der Linde et al., 2020). Os fatores de risco dinâmicos dividem-se em fatores agudos que podem ser alterados rapidamente, e os fatores estáveis que mudam ao longo do tempo (van den Berg et al., 2020). Estes últimos englobam um conjunto de variáveis como as crenças e mitos sobre a VS, a regulação emocional, os sintomas psicopatológicos, a perceção da intimidade, entre outras.

As crenças e os mitos sobre a VS perpetuam a culpabilização das vítimas, protegem os perpetradores ao fornecer uma perceção distorcida sobre as vítimas e levam à adoção de falsas crenças que minimizam/racionalizam a VS perpetrada por homens (Finchelescu & Dugard, 2018; Seabrook & Ward, 2018). Alguns dos mitos da VS dizem respeito aos papéis de género que posicionam o homem num papel de controlo e poder na interação sexual (e iniciador da mesma) normalizando estratégias sexualmente agressivas (principalmente *hands-off*) em roteiros sexuais heterossexuais (Reling et al., 2017; Seabrook & Ward, 2018). Estes mitos também definem os homens como incapazes de controlar as suas ações/desejos devido a motivações biológicas ou por estarem sob o efeito de substâncias (Grubb & Turner, 2012; Hipp et al., 2015; McMahon & Farmer, 2011; Seabrook & Ward, 2018). A aceitação dos mitos é

recorrentemente reconhecida como um fator de risco importante pela sua associação positiva e significativa com a perpetração da VS. Ou seja, os indivíduos que reportam perpetrar VS também tendem a endossar mais mitos sobre a VS. Esta associação é estável ao longo do tempo e tende a aumentar com a idade, i.e., indivíduos mais velhos parecem endossar mais mitos de VS (Holz et al., 2018; Trottier et al., 2019; Yapp & Quayle, 2018).

Relativamente aos sintomas psicopatológicos, estudantes universitários sexualmente agressivos do sexo masculino tendem a apresentar mais ansiedade e dificuldades sexuais por medo de falhar no desempenho sexual e serem julgados sexualmente pelas mulheres (Carvalho et al., 2013; Sigre-Leirós et al., 2012). A hostilidade também é um sintoma psicopatológico associado à VS por englobar um conjunto de pensamentos, emoções e comportamentos caracterizados por estados de afeto negativo, como a raiva e o ressentimento, particularmente presente nas formas menos graves de VS (Carvalho & Sá, 2020). As atitudes hostis em relação às mulheres podem ser reforçadas por distorções cognitivas como a culpabilização da vítima, podendo contribuir para a reincidência. Porém, o contexto social tem um impacto nos perpetradores a nível cognitivo e emocional. A rejeição dos pares após a revelação de comportamentos sexualmente agressivos pode desencadear no perpetrador depressão e ideação suicida, demonstrando assim que o grupo de pares tem influência na compreensão do evento (Brennan et al., 2016; Franklin et al., 2012; Jacques-Tiura et al., 2015).

No que concerne à regulação emocional, alguns estudos demonstraram que agressores sexuais apresentam dificuldades a este nível, sendo um fator de risco para a perpetração de VS (Gillespie et al., 2012; Nguyen & Parkhill, 2014; Kingston et al., 2012; Kirwan et al., 2018). A investigação sugere que os agressores sexuais podem usar o sexo como estratégia de *coping*, não só para a satisfação momentânea de desejos e necessidades emocionais, como para reduzir os estados de humor negativos (Carvalho & Nobre, 2013; Nguyen & Parkhill, 2014). As dificuldades de regulação emocional são um fator de risco dinâmico para a VS (Kirwan et al., 2018) e interage com outros fatores como dificuldades na intimidade, distorções cognitivas, fantasias sexuais desviantes e impulsividade. O estudo de Kirwan et al. (2018) observou que os estudantes universitários sexualmente agressivos com dificuldades de regulação emocional tinham maior probabilidade de perpetrar a VS se consumirem quantidades consideráveis de álcool. Acresce ainda que os mesmos tendem a comportar-se de forma sexualmente agressiva com uma mulher como forma de regular o afeto negativo (Kirwan et al., 2018).

No que se refere à perceção de intimidade, os agressores sexuais apresentam dificuldades significativas a este nível, sendo que a VS pode resultar da procura pela intimidade

emocional através do sexo (Gunst et al., 2017). Os agressores sexuais demonstram dificuldades na interação social, principalmente no relacionamento íntimo com as mulheres, tendo também uma perceção negativa sobre o Eu (Bridges et al., 1998; Carvalho & Sá, 2020; Fisher et al., 1999; Lyn & Burton, 2004). Os estudantes sexualmente agressivos podem apresentar algum tipo de vulnerabilidade a este nível, uma vez que reportam menor validação interpessoal, adotam um estilo mais agressivo nas interações sociais, percecionam-se como substituíveis pelos parceiros românticos e mais incompetentes em relação ao seu grupo de pares (Carvalho et al., 2013; Carvalho & Sá, 2020; Sigre-Leirós et al., 2013).

Até ao momento, é lacunar na literatura a existência de diferentes perfis/tipologias de homens sexualmente agressivos e também há uma escassez de estudos empíricos relativamente a fatores de risco dinâmicos em amostras comunitárias. Estas lacunas ao serem exploradas permitem o aumento do conhecimento, uma melhor avaliação de agressores sexuais e orientam a intervenção clínica e programas de prevenção com os agressores sexuais (Grady & Shields, 2017; Jones et al., 2016; Kirwan et al., 2018).

Assim sendo, esta Dissertação procurou ultrapassar estas lacunas tendo por objetivos: 1) avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários do sexo masculino; 2) averiguar a existência de diferentes perfis de homens sexualmente agressivos; e 3) comparar diferentes perfis de homens sexualmente agressivos no endosso de sintomas psicopatológicos e mitos sobre a VS, bem como nas dificuldades de regulação emocional e intimidade. Tendo em conta a natureza exploratória deste estudo (porque não existem estudos anteriores no âmbito dos perfis/tipologias de homens sexualmente agressivos), não foram estabelecidas hipóteses de investigação.

Metodologia

Participantes

Neste estudo participaram estudantes universitários do sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos. A seleção dos participantes teve em conta os seguintes critérios de inclusão: a) idade igual ou superior a 18 anos; b) orientação heterossexual; c) experiência sexual atual e/ou prévia com pessoas do sexo feminino. Quatrocentos e setenta e sete (477) participantes responderam ao protocolo de avaliação (cf. instrumentos). No entanto, três participantes identificaram-se com outro género que não o masculino, seis reportaram não ter iniciado a vida sexual, 58 identificaram-se como gays ou bissexuais e 112 não completaram

o protocolo. Assim, estes participantes foram excluídos e a amostra final foi constituída por 258 estudantes universitários. Os dados sociodemográficos dos participantes são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	23.81	5.009
Idade da primeira relação sexual	16.85	2.604
	<i>N</i>	%
Estado Civil		
Solteiro	228	88.4
Casado	15	5.8
União de facto	11	4.3
Divorciado	3	1.2
Separado	1	0.4
Habilitações literárias		
Licenciatura	230	89.1
Mestrado	20	7.8
Doutoramento	3	1.2
Pós-Graduação	5	1.9
Número de parceiras sexuais		
Nenhuma	79	30.6
Uma parceira sexual	150	58.1
Duas parceiras sexuais	8	3.1
Múltiplas parceiras sexuais	21	8.1

Nota. “Múltiplas parceiras sexuais” inclui duas ou mais parceiras.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Este questionário foi composto por um conjunto de questões como a idade, habilitações literárias, o género, a orientação sexual, a experiência sexual, entre outros, que informaram sobre as características da amostra e permitiu excluir determinados participantes que não correspondiam aos critérios de inclusão.

Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS; Anderson, 1996; versão portuguesa Rosa et al., 2021). A SABS é uma escala de autorrelato de 26 itens que avalia a frequência de interação sexual através de estratégias sexualmente agressivas, nomeadamente a

coação sexual (cinco itens; e.g., “Quantas vezes você tentou ter contato sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?”), o abuso sexual (quatro itens; e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher enquanto a consciência dela estava limitada pelo uso de drogas ou álcool?”) e a força física (três itens; e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher usando algum tipo de força física?”). Estes 12 itens são denominados itens críticos e os restantes 14 itens são denominados itens de preenchimento por apresentarem uma função neutra e não se enquadrarem em nenhuma das estratégias sexualmente agressivas (e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher levando-a a excitar-se sexualmente?”). Os itens são pontuados de forma dicotómica (0 = nunca; 1 = pelo menos uma vez). O instrumento apresenta consistência interna com um alfa de Cronbach de .75 na sua versão original (Anderson, 1996) e boas características psicométricas com valores de *Composite Reliability* superiores a .80 na versão portuguesa (Rosa et al., 2021). No presente estudo, foram encontrados os seguintes valores de CR: .85 para Abuso Sexual, Coação Sexual e Força Física, e .95 para o total da escala.

Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS; Martins et al., 2012). A ECVS é uma escala de autorrelato que reflete o grau de tolerância/aceitação quanto ao uso da VS e é composta por 30 itens (e.g., “Forçar o(a) namorado(a) a ter relações sexuais não é violação”). Os participantes devem indicar através da escala *Likert* (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente) o seu nível de concordância com as afirmações. Através da soma dos itens obtém-se a pontuação total sendo que, quanto maior a pontuação, maior o grau de aceitação da violência sexual. No que diz respeito às qualidades psicométricas, esta escala apresenta um elevado grau de consistência interna ($\alpha = .90$; Martins et al., 2012). O mesmo se verificou para o presente estudo onde foi encontrado um alpha de Cronbach de .92.

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Derogatis, 1982; versão portuguesa: Canavarro, 1999). O BSI é um questionário de autorrelato de 53 itens que avalia nove dimensões de sintomas psicopatológicos, nomeadamente a Somatização (sete itens; e.g., “Nervosismo ou tensão interior”), Obsessões-Compulsões (seis itens; e.g., “Dificuldade em lembrar-se de coisas passadas ou recentes”), Sensibilidade Interpessoal (quatro itens; e.g., “Sentir-se facilmente ofendido nos seus interesses”), Depressão (seis itens; e.g., “Pensamentos de acabar com a vida”), Ansiedade (seis itens; e.g., “Nervosismo ou tensão interior”), Hostilidade (cinco itens; e.g., “Aborrecer-se ou irritar-se facilmente”), Ansiedade Fóbica (cinco itens; e.g., “Medo na rua ou praças públicas”), Ideação Paranoide (cinco itens; e.g., “Ter a ideia

que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas”) e Psicoticismo (cinco itens; e.g. “Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos”). Os participantes respondem aos itens utilizando uma escala *Likert* (nunca = 0 e muitas vezes = 4) para indicar a intensidade com que cada problema os afetou na última semana. Obtêm-se posteriormente as pontuações das nove dimensões psicopatológicas fazendo-se a soma dos valores (0-4) de cada item pertencente a cada dimensão a dividir pelo número de itens da dimensão respetiva (Canavarro, 2007). O instrumento apresentou consistência interna com valores de alfa de Cronbach entre .71 e .85 (Psicoticismo e Depressão, respetivamente) na sua versão original (Derogatis & Spencer, 1982) e a versão portuguesa também apresenta boas propriedades psicométricas (Canavarro, 1999) com valores entre .62 (Psicoticismo e Ansiedade Fóbica) e .80 (Somatização). No presente estudo, foram encontrados os seguintes valores de alfa de Cronbach: Somatização ($\alpha = .76$); Obsessões ($\alpha = .78$); Sensibilidade Interpessoal ($\alpha = .78$); Depressão ($\alpha = .88$); Ansiedade ($\alpha = .77$); Hostilidade ($\alpha = .75$); Ansiedade Fóbica ($\alpha = .71$); Ideação Paranoide ($\alpha = .71$); e Psicoticismo ($\alpha = .73$).

Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (DERS; Gratz & Roemer, 2004; versão portuguesa: Coutinho et al., 2010). A DERS é uma escala de autorrelato que avalia a regulação emocional. É composta por 36 itens divididos em seis fatores: Não aceitação da resposta emocional (seis itens; e.g., “Quando estou perturbado/aborrecido/zangado/preocupado, fico zangado comigo mesmo por me sentir assim.”), Falta de Clareza emocional (cinco itens; e.g., “Para mim os meus sentimentos são claros”), Acesso limitado a Estratégias de regulação emocional (oito itens; e.g., “Quando estou perturbado/aborrecido/zangado/preocupado, acredito que vou continuar assim por muito tempo.”), Dificuldades no controlo dos Impulsos (seis itens; e.g., “Experimento as minhas emoções como avassaladoras e fora de controlo.”), Dificuldades em iniciar comportamentos orientados para Objetivos (cinco itens; e.g., “Quando estou perturbado/aborrecido/zangado, tenho dificuldade em fazer o meu trabalho.”) e Falta de Consciência emocional (seis itens; e.g., “Presto atenção à forma como me estou a sentir.”). Através da escala *Likert* os participantes respondem o que melhor se aplica si a variar entre 1 (quase nunca) e 5 (quase sempre). A cotação é realizada através da soma dos itens de cada fator resultando assim em seis pontuações. A escala apresentou uma elevada consistência interna ($\alpha = .93$), uma boa fidelidade teste-reteste e validade preditiva e de constructo adequadas na sua versão original (Gratz & Roemer, 2004) e resultados semelhantes na versão portuguesa com um alpha de Cronbach de .92 (Coutinho et al., 2010). Neste estudo, foram encontrados os seguintes valores de Cronbach: Não aceitação

($\alpha = .89$), Dificuldades-objetivos ($\alpha = .80$), Dificuldades impulsos ($\alpha = .83$), Falta Consciência ($\alpha = .78$), Acesso Limitado ($\alpha = .83$) e Falta Clareza ($\alpha = .79$).

Avaliação Pessoal de Relacionamentos de Intimidade (PAIR; Schaefer & Olson, 1981; versão portuguesa: Moreira et al., 2009). O PAIR é um questionário de autorrelato que avalia a percepção de intimidade. A versão portuguesa (Moreira et al., 2009) é composta por 29 itens divididos em três dimensões: validação pessoal (validação/aceitação pelo parceiro) constituída por 14 itens (e.g., “Quando se trata de ter uma discussão séria parece que temos pouco em comum”), comunicação (expressar opiniões, sentimentos e desejos dentro do relacionamento) formada por 10 itens (e.g., “O meu (minha) companheiro(a) ajuda-me a clarificar os meus pensamentos”) e abertura para o exterior (compartilhar tempo com o grupo externo) que é constituída por cinco itens (e.g., “Gostamos de passar tempo com outros casais”). Os participantes respondem através de uma escala tipo *Likert* que varia entre 0 e 4 (0 = Discordo totalmente e 4 = Concordo fortemente). Relativamente aos dados psicométricos, a versão original apresentou uma boa consistência interna com o alfa de Cronbach de .70 (Schaefer & Olson, 1981). A versão portuguesa tem elevada consistência interna com um alpha de Cronbach de .92 (Moreira et al., 2009) bem como as suas dimensões, isto é, validação pessoal ($\alpha = .88$), comunicação ($\alpha = .90$) e abertura para o exterior ($\alpha = .66$). No presente estudo, observou-se os seguintes índices de consistência interna: Validação pessoal ($\alpha = .88$), Comunicação ($\alpha = .85$) e Abertura ($\alpha = .69$). Tendo em conta o valor inaceitável na subescala de Abertura, o item 20 foi excluído, e após a sua exclusão foi encontrado um nível de consistência interna aceitável ($\alpha = .71$).

Procedimentos

Este estudo foi realizado no âmbito do projeto de investigação "FEMOFFENCE - O mito da inocência: Uma abordagem mista para a compreensão da violência sexual perpetrada por mulheres" (PTDC/PSI-GER/28097/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Após a aprovação da CEDIC, os dados foram recolhidos através de dois métodos: (1) presencial, no qual os estudantes preencheram os questionários de autorresposta em contexto de sala-de-aula; (2) online, no qual os participantes responderam ao questionário através de um *link* online (construído no *Qualtrics*) que foi disponibilizado em

redes sociais pessoais e institucionais. Em qualquer método foi garantido o caráter voluntário da participação, assim como a confidencialidade dos dados recolhidos e o seu uso exclusivo para fins de investigação. Foram omissos os objetivos e conteúdos do estudo no sentido de salvaguardar as questões de desejabilidade social. No entanto, os participantes foram informados acerca da natureza intimista do estudo.

Análise de dados

Para a análise estatística dos dados recolhidos foi utilizado o programa de tratamento estatístico IBM SPSS v.28. A caracterização sociodemográfica foi realizada através de análise descritiva e de frequências (dependendo da natureza das variáveis). Recorreu-se também a uma análise de frequências dos itens da escala SABS para avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos. Os participantes que nunca recorreram a comportamentos sexualmente agressivos apresentaram uma pontuação de 0 e aqueles que já recorreram pelo menos uma vez apresentaram uma pontuação igual ou superior a 1. Em seguida, os participantes foram codificados como: participantes não sexualmente agressivos = 0 (pontuação SABS = 0) e participantes sexualmente agressivos = 1 (pontuação SABS $\geq$ 1). De seguida, e com o objetivo de investigar a existência de perfis de homens sexualmente agressivos, foi realizada uma análise de *clusters* através do método hierárquico que forneceu um conjunto de agrupamentos possíveis. Finalmente, foram realizados testes Mann-Whitney de forma a comparar os perfis encontrados nas variáveis dependentes (i.e., sintomas psicopatológicos, mitos sobre VS, dificuldades de regulação emocional e dificuldades na intimidade).

Resultados

1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos

Através da análise das pontuações obtidas na pontuação total da escala SABS, foi possível verificar que 116 (45%) dos participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Deste grupo de participantes, 97 (37.6%) já recorreram a estratégias de coação sexual, 60 (23.3%) a estratégias de abuso sexual e 19 (7.4%) a estratégias de força física. Por outro lado, 142 participantes (55%) reportaram nunca ter utilizado estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Na Tabela 2, apresenta-se o número de participantes (com as respetivas percentagens) que responderam afirmativamente a cada um dos itens da escala SABS.

Tabela 2. Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS

Itens	N	%
Coação Sexual		
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando acabar com a vossa relação?	17	6.6
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	69	26.7
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?	50	19.4
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher questionando-a sobre a sua sexualidade (sugerindo que ela poderia ser frígida ou lésbica)?	23	8.9
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando magoar-se a si mesmo?	11	4.3
Abuso Sexual		
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher usando a sua posição de poder ou autoridade (baby-sitter, professor, conselheiro, supervisor, patrão, entre outros)?	19	7.4
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher com 12 a 18 anos de idade e mais nova 5 ou mais anos do que você?	40	15.5
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher levando-a a embebedar-se ou a drogar-se?	15	5.8
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher tirando partido de uma situação comprometedora onde ela estava (estando ela num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	23	8.9
Força Física		
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-a, agarrando-a, atingindo-a, entre outros)?	10	3.9
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher usando algum tipo de força física?	17	6.6
Alguma vez tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando-a com uma arma?	6	2.3

2. Existência de perfis de homens sexualmente agressivos

A análise de *clusters* apontou para a existência de dois perfis de homens com comportamentos sexualmente agressivos (cf. Tabela 3).

O Perfil 1 foi denominado por “Homens que recorrem maioritariamente à coação sexual” onde se enquadram 108 (93.1%) dos participantes que reportaram recorrer à estratégia de Coação Sexual como forma de iniciar a interação sexual.

O Perfil 2 foi denominado por “Homens que recorrem frequentemente às três estratégias” onde se enquadram oito (6.9%) dos participantes que reportaram recorrer as três estratégias como forma de iniciação da interação sexual.

Tabela 3. Perfis de homens sexualmente agressivos

Clusters	N	%
Cluster 1: Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual	108	93.1
Cluster 2: Homens que recorrem frequentemente às três estratégias	8	6.9
Total	116	100

A ANOVA demonstrou que as três estratégias, isto é, a Coação Sexual, o Abuso Sexual e a Força Física, contribuíram para a formação dos perfis (Tabela 4).

Tabela 4. Diferenças dos perfis na utilização de estratégias sexualmente agressivas

	Cluster 1 Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual	Cluster 2 Homens que recorrem frequentemente às três estratégias		
	M	M	F	<i>p</i>
Coação Sexual	1.31	3.50	36.430	<.001
Abuso Sexual	.67	3.13	70.415	<.001
Força Física	.12	2.50	247.395	<.001

3. Comparação dos diferentes perfis no endosso sintomas psicopatológicos e mitos sobre a VS, dificuldades de regulação emocional e intimidade

Para comparar os perfis encontrados (Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual e Homens que recorrem frequentemente às três estratégias) no endosso sintomas

psicopatológicos e mitos sobre a VS, dificuldades de regulação emocional e intimidade foram selecionados aleatoriamente 15 participantes dos 108 participantes do primeiro perfil, uma vez que o segundo perfil contava apenas com oito participantes. Devido ao número reduzido de homens sexualmente agressivos nos perfis ($n = 23$) recorreu-se aos testes não paramétricos, especificamente ao Teste Man-Whitney.

3.1 Sintomas Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual

Os resultados demonstraram não existir um efeito significativo entre os perfis sobre as variáveis (i.e., Sintomas Psicopatológicos e Crenças sobre a Violência Sexual) tal como reportado na Tabela 5.

Tabela 5. Diferenças entre os perfis nos sintomas psicopatológicos e nos mitos sobre a VS

	Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual Ranking Médio	Homens que recorrem frequentemente às três estratégias Ranking Médio	U	<i>p</i>
BSI Somatização	11.27	13.38	71.000	.506
BSI Obsessões Compulsões	13.47	9.25	38.000	.169
BSI Sensibilidade Interpessoal	12.43	11.19	53.500	.681
BSI Depressão	12.00	12.00	60.000	1.000
BSI Ansiedade	12.60	10.88	51.000	.591
BSI Hostilidade	11.57	12.81	66.500	.681
BSI Ansiedade Fóbica	12.07	11.88	59.000	.975
BSI Ideação Paranoide	12.27	11.50	56.000	.825
BSI Psicoticismo	12.57	10.94	51.500	.591
ECVS	10.80	14.25	78.000	.265

Nota. BSI = Inventário de Sintomas Psicopatológicos; ECVS = Escala de Crenças sobre a Violência Sexual.

3.2 Dificuldades de Regulação Emocional

Os resultados demonstraram existir diferenças entre os perfis nas Dificuldades no controlo dos Impulsos, e tal como reportado na Tabela 6, os homens que recorrem frequentemente às três estratégias apresentam um *ranking* médio superior aos homens que recorrerem maioritariamente à coação sexual. Não foram encontradas diferenças significativas entre os perfis para os outros fatores.

Tabela 6. Diferenças entre os perfis nas dificuldades de regulação emocional

	Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual Ranking Médio	Homens que recorrem frequentemente às três estratégias Ranking Médio	U	p
DERS Não aceitação	11.93	12.13	61.000	1.000
DERS Dificuldade Objetivos	11.97	12.06	60.500	1.000
DERS Dificuldade Impulsos	9.73	16.25	94.000	.028
DERS Falta Consciência	10.00	15.75	90.000	.056
DERS Acesso Limitado	10.70	14.44	79.500	.213
DERS Falta Clareza	11.40	13.13	69.000	.591

Nota. DERS = Escala de Dificuldades na Regulação Emocional.

3.3 Grau de Intimidade Percebido

Os resultados apontaram para diferenças não significativas entre os grupos nas diferentes dimensões da Intimidade, tal como reportado na Tabela 7.

Tabela 7. Diferenças entre os perfis nas dificuldades na intimidade

	Homens que recorrem maioritariamente à Coação Sexual Ranking Médio	Homens que recorrem frequentemente às três estratégias Ranking Médio	U	p
--	---	---	---	---

PAIR Validação Pessoal	11.67	12.63	65.000	.776
PAIR Comunicação	12.17	11.69	57.500	.875
PAIR Abertura Exterior	10.10	15.56	88.500	.065

Nota. PAIR = Avaliação Pessoal de Relacionamentos de Intimidade.

Discussão

A violência sexual (VS) é um problema de saúde pública global que afeta pessoas de ambos os sexos e de todas as comunidades. No entanto, e considerando a elevada prevalência da VS em contexto universitário (e.g., Anderson et al., 2019), os jovens adultos estudantes universitários têm sido identificados como um importante grupo de risco não só para a vitimação, mas também para a perpetração da VS. Apesar deste dado, a maioria dos estudos continuam a ser realizados com amostras forenses, pelo que a escassez da literatura científica em amostras comunitárias não permite conhecer se existem diferentes perfis de homens sexualmente agressivos, nem analisar o papel que os fatores de risco dinâmicos desempenham na perpetração da VS (Carvalho et al., 2013; Carvalho & Sá, 2020). Assim, esta Dissertação procurou ultrapassar estas lacunas, ao avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários do sexo masculino, investigar a existência de diferentes perfis de homens sexualmente agressivos e testar se existem diferenças entre os perfis no endosso de sintomas psicopatológicos e de crenças sobre a VS, nas dificuldades de regulação emocional e na intimidade.

Relativamente à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos na amostra, verificou-se que 45% dos participantes já recorreu a estratégias sexualmente agressivas como forma de iniciar a interação sexual com o sexo oposto. Este resultado reforça a ideia de que os estudantes universitários podem constituir um grupo de risco para a perpetração da VS, estando em concordância com os resultados de estudos anteriores (e.g. Anderson et al., 2019, Carvalho & Sá, 2020). Os resultados demonstraram também que as estratégias sexualmente agressivas mais utilizadas pelos participantes foram as de coação sexual (37.6%), seguida pelas estratégias de abuso sexual (23.3%) e de força física (7.4%). Estes resultados reforçam assim que os estudantes universitários utilizam maioritariamente estratégias *hands-off* (i.e., coação sexual e abuso sexual). Tendo em conta que estas estratégias são enquadradas em comportamentos menos severos de VS, é possível que as mesmas possam ser percecionadas pelos perpetradores como interações sexuais positivas, normativas e não agressivas (Carvalho & Sá, 2020; Warkentin & Gidycz, 2007). Por outro lado, os resultados apontaram para o menor recurso das

estratégias *hands-on* (i.e., força física), que a investigação anterior demonstra serem as menos utilizadas por estudantes universitários (Brennan et al, 2018; Sigre-Leirós et al., 2012).

É importante referir que as prevalências obtidas neste estudo refletem apenas comportamentos na forma tentada, pelo que não é possível avaliar se os mesmos foram consumados. Para além disso, não foi avaliada a prevalência da violação, que é considerada a estratégia *hands-on* mais severa. Acresce ainda que não foi avaliada a frequência de comportamentos sexualmente agressivos, pelo que não é possível determinar se os comportamentos traduzem um padrão de funcionamento ou atos isolados. Por todos estes motivos, os resultados descritos anteriormente devem ser interpretados com cautela.

Relativamente ao segundo objetivo deste estudo, foram encontrados dois perfis de homens sexualmente agressivos (i.e., “Homens que recorrem maioritariamente à coação sexual” e “Homens que recorrem frequentemente às três estratégias”). Estes resultados sugerem que os homens sexualmente agressivos são um grupo heterogéneo, considerando que recorrem a estratégias distintas como forma de iniciar a interação sexual, à semelhança do que é observado em amostras forenses e criminais (Brennan et al, 2018; Martínez-Catena et al., 2016).

Para além disso, o perfil de homens que recorrem maioritariamente à coação sexual foi o que teve maior predominância nesta amostra (93.1% participantes), o que vai de encontro também com a investigação anterior que sugere que essa é a estratégia mais utilizada pelos estudantes universitários (Carvalho & Sá, 2020). No que diz respeito ao segundo perfil encontrado, composto por homens que recorrem frequentemente às três estratégias (6.9%), este sugere que o uso combinado de estratégias poderá ser uma prática entre alguns homens sexualmente agressivos (Brennan et al, 2018). No entanto, tendo em conta o número reduzido de participantes deste perfil (apenas oito), este resultado deve ser considerado preliminar, pelo que deve ser interpretado com muita cautela.

Relativamente às diferenças entre perfis nos fatores de risco dinâmicos, os resultados demonstraram não existir diferenças significativas entre os perfis nos sintomas psicopatológicos, crenças sobre a VS, intimidade e na maioria das dificuldades de regulação emocional. Estes dados parecem indicar que estes dois perfis de homens sexualmente agressivos partilham estes fatores de risco e que poderá existir outras variáveis que os distinguem (e.g., culturais, cognitivas, fantasias sexuais desviantes).

Os perfis apenas se distinguiram no controlo dos impulsos, sendo que os homens que recorrem frequentemente às três estratégias apresentam mais dificuldades do que os homens que recorrem maioritariamente à coação sexual. Este resultado sugere que os homens que

recorrem às três estratégias poderão agir com maior impulsividade, sendo que a associação dos diferentes comportamentos de VS e a impulsividade está bem estabelecida (e.g., Carvalho & Nobre, 2013).

No que se refere às limitações deste estudo, é importante referir que todos os resultados se referem a uma população específica (i.e., estudantes universitários do sexo masculino heterossexuais) e, por isso, não podem ser generalizados para outras populações. É importante sublinhar o número muito reduzido de participantes no segundo perfil, o que limita significativamente a leitura e a interpretação dos resultados. É de salientar também que não foi usada uma medida de desejabilidade social neste estudo, pelo que os resultados estão suscetíveis a enviesamentos, sobretudo porque foi utilizada uma metodologia de autorrelato. Finalmente, e conforme já foi explicitado, a escala SABS não avalia a frequência das estratégias sexualmente agressivas, pelo que não é possível especificar se os comportamentos sexualmente agressivos indicam um padrão de funcionamento ou atos isolados.

No que diz respeito a direções futuras, parece ser fundamental a replicação do atual estudo com amostras de maior dimensão, de modo a assegurar resultados mais robustos. É igualmente importante a realização de estudos com pessoas da população geral (i.e., não limitada ao contexto universitário) e com pessoas da comunidade LGBTQIA+, na tentativa de tornar a investigação nesta área mais inclusiva. Para além disso, estudos futuros devem incluir uma medida de desejabilidade social, de modo a evitar enviesamentos, bem como uma medida que avalie a frequência das estratégias sexualmente agressivas.

Apesar das suas limitações, este estudo apresenta a potencialidade de ser o primeiro estudo a explorar a existência de perfis de homens sexualmente agressivos em contexto universitário, bem como a comparar os diferentes perfis em fatores de risco dinâmicos (i.e., sintomas psicopatológicos, crenças sobre a VS, dificuldades de regulação emocional e dificuldades na intimidade). Tendo em conta os resultados da prevalência da VS em estudantes universitários do sexo masculino e sendo esta uma população de risco para a perpetração de VS (e.g., Anderson et al., 2019), este estudo sublinha a importância da implementação de programas de prevenção da VS nas universidades, que devem identificar como alvos de intervenção não só questões relacionadas com a sexualidade e a VS, mas também os fatores de risco dinâmicos (Jones et al., 2016; Kirwan et al., 2018; Martínez-Catena et al., 2016; Trottier et al., 2019).

Referências

- Anderson, P. B. (1996). Correlates of college women's self-reports of heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8(2), 121-131.
- Anderson, R. E., Cahill, S. P., & Delahanty, D. L. (2017). Initial evidence for the reliability and validity of the Sexual Experiences Survey-Short Form Perpetration (SES-SFP) in college men. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(6), 626-643. DOI: 10.1080/10926771.2017.1330296
- Anderson, R. E., Silver, K. E., Ciampaglia, A. M., Vitale, A. M., & Delahanty, D. L. (2019). The frequency of sexual perpetration in college men: A systematic review of reported prevalence rates from 2000 to 2017. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1524838019860619. <https://doi.org/10.1177/1524838019860619>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2019). Crimes Sexuais 2013-2018. Estatísticas APAV
- Bhochhibhoya, S., Maness, S. B., Cheney, M., & Larson, D. (2019). Risk factors for sexual violence among college students in dating relationships: an ecological approach. *Journal of interpersonal violence*, 0886260519835875. <https://doi.org/10.1177/0886260519835875>
- Blanco, V., López, L., Otero, P., Torres, Á. J., Ferraces, M. J., & Vázquez, F. L. (2021). Sexual victimization and mental health in female university students. *Journal of interpersonal violence*. DOI: <https://doi.org/10.1177/08862605211005148>
- Breiding, M. J., Basile, K. C., Smith, S., Black, M. C., & Mahendra, R. (2015). Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements, version 2.0. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control
- Brennan, C. L., Swartout, K. M., Cook, S. L., & Parrott, D. J. (2016). A qualitative analysis of offenders' emotional responses to perpetrating sexual assault. *Sexual Abuse*, 30(4), 393-412.
- Brennan, C. L., Swartout, K. M., Goodnight, B. L., Cook, S. L., Parrott, D. J., Thompson, M. P., Newins, A. R., Barron, S. R. B., Carvalho, J., & Leone, R. M. (2018). Evidence for multiple classes of sexually violent college men. *Psychology of violence*, 9(1), 48. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000179>
- Bridges, M. R., Wilson, J. S., & Gacono, C. (1998). A Rorschach investigation of defensiveness, self-perception, interpersonal relations, and affective states in incarcerated pedophiles. *Journal of Personality Assessment*, 70, 365-385.

- Campbell, J. C., Sabri, B., Budhathoki, C., Kaufman, M. R., Alhusen, J., & Decker, M. R. (2017). Unwanted sexual acts among university students: Correlates of victimization and perpetration. *Journal of interpersonal violence*, 36(1-2), NP504-NP526.
- Canavarro, M. C. S. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos-BSI.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2013). Dynamic factors of sexual aggression: The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40, 376-387.
- Carvalho, J., Quinta-Gomes, A., & Nobre, P. J. (2013). The sexual functioning profile of a non-forensic sample of individuals reporting sexual aggression against women. *Journal of Sexual Medicine*, 10, 1744-1754.
- Carvalho, J., & Sá, A. (2020). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of interpersonal violence*, 35(3-4), 646-661. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260516689779>
- Clay-Warner, J., & McMahon-Howard, J. (2009). Rape reporting: “Classic Rape” and the behavior of law. *Violence and Victims*, 24, 723–743. <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.24.6.723>
- Coutinho, J., Ribeiro, E., Ferreirinha, R., & Dias, P. (2010). Versão portuguesa da Escala de Dificuldades de Regulação Emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 37(4), 145-151.
- Dartnall, E., & Jewkes, R. (2013). Sexual violence against women: the scope of the problem. *Best practice & research Clinical obstetrics & gynaecology*, 27(1), 3-13. <https://doi.org/10.1016/j.bpobgyn.2012.08.002>
- Derogatis, L. R. (1982/1993). BSI: Brief Symptom Inventory (3rd ed.). Minneapolis: National Computers Systems.
- Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2018). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, violence, & abuse*, 19(1), 76-93.
- Finchilescu, G., & Dugard, J. (2018). Experiences of gender-based violence at a South African university: prevalence and effect on rape myth acceptance. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), NP2749-NP2772.
- Fisher, D., Beech, A., & Browne, K. (1999). Comparison of sexual offenders to nonoffenders on selected psychological measures. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 43, 473-491.

- Franklin, C. A., Bouffard, L. A., & Pratt, T. C. (2012). Sexual assault on the college campus: Fraternity affiliation, male peer support, and low self-control. *Criminal Justice and Behavior*, 39, 1457-1480. doi:10.1177/0093854812456527
- Garcia-Moreno, C., Guedes, A., Knerr, W., Jewkes, R., Bott, S., & Ramsay, S. (2012). Understanding and addressing violence against women: Sexual violence. *World Health Organization, Issue brief No. WHO/RHR/12.37*(S. Ramsay, Ed.).
- Gillespie, S. M., Mitchell, I. J., Fisher, D., & Beech, A. R. (2012). Treating disturbed emotional regulation in sexual offenders: The potential applications of mindful self-regulation and controlled breathing techniques. *Aggression and Violent Behavior*, 17(4), 333–343. doi:10.1016/j.avb.2012.03.005
- Grady, M. D., & Shields, J. J. (2018). The relationship between attachment dimensions and emotion regulation in individuals who have committed sexual crimes. *Journal of Sexual Aggression*, 24(1), 51-65. <http://dx.doi.org/10.1080/13552600.2017.1391630>
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*. doi:10.1023/B:JOBA.0000007455.08539.94.
- Grubb, A., & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 443-452. doi: 10.1016/j.avb.2012.06.002
- Gunst, E., Watson, J. C., Desmet, M., & Willemsen, J. (2017). Affect regulation as a factor in sex offenders. *Aggression and Violent Behavior*, 37, 210-219.
- Halstead, V., Williams, J. R., & Gonzalez-Guarda, R. (2017). Sexual violence in the college population: A systematic review of disclosure and campus resources and services. *Journal of clinical nursing*, 26(15-16), 2137-2153.
- Hipp, T. N., Bellis, A. L., Goodnight, B. L., Brennan, C. L., Swartout, K. M., & Cook, S. L. (2015). Justifying sexual assault: Anonymous perpetrators speak out online. *Psychology of Violence*, doi:10.1037/a0039998
- Holz, K.B., Fischer, A., & Daoood, C. (2018). The role of men's beliefs in shaping their response to a sexual violence prevention program. *Psychology of Men & Masculinity*, 19, 308–313. doi:10.1037/men0000091
- Jacques-Tiura, A. J., Abbey, A., Wegner, R., Pierce, J., Pegram, S. E., & Woerner, J. (2015). Friends matter: Protective and harmful aspects of male friendships associated with

- pastyear sexual aggression in a community sample of young men. *American Journal of Public Health*, 105, 1001-1007. doi:10.2105/AJPH.2014.302472
- Jones, S., Joyal, C. C., Cisler, J. M., & Bai, S. (2016). Exploring emotion regulation in juveniles who have sexually offended: An fMRI study. *Journal of child sexual abuse*, 26(1), 40-57.
- Kingston, D. A., Yates, P. M., & Firestone, P. (2012). The self-regulation model of sexual offending: Relationship to risk and need. *Law and Human Behavior*, 36(3), 215–224. doi:10.1037/h0093960
- Kirwan, M., Lanni, D. J., Warnke, A., Pickett, S. M., & Parkhill, M. R. (2018). Emotion regulation moderates the relationship between alcohol consumption and the perpetration of sexual aggression. *Violence against women*, 25(9), 1053-1073. <https://doi.org/10.1177/1077801218808396>
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, 360(9339), 1083-1088.
- LaBrie, J. W., Hummer, J. F., Ghaidarov, T. M., Lac, A., & Kenney, S. R. (2014). Hooking up in the college context: The event-level effects of alcohol use and partner familiarity on hookup behaviors and contentment. *The Journal of Sex Research*, 51, 62-73
- Littleton, H., & DiLillo, D. (2021). Global perspectives on sexual violence: Understanding the experiences of marginalized populations and elucidating the role of sociocultural factors in sexual violence. *Psychology of violence*, 11(5), 429.
- Lyn, T. S., & Burton, D. L. (2004). Adult attachment and sexual offender status. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74, 150-159.
- Martínez-Catena, A., Redondo, S., Frerich, N., & Beech, A. R. (2016). A dynamic risk factors–based typology of sexual offenders. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 61(14), 1623-1647. <https://doi.org/10.1177/0306624X16629399>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1/2), 177-191.
- McMahon, S., & Farmer, G. L. (2011). An updated measure for assessing subtle rape myths. *Social Work Research*, 35, 71–81. doi:10.1093/ swr/35.2.71.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.

- Nguyen, D., & Parkhill, M. R. (2014). Integrating attachment and depression in the confluence model of sexual assault perpetration. *Violence Against Women*, 20, 994–1011. doi:10.1177/1077801214546233
- Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2006). Perceptions of sexual coercion in heterosexual dating relationships: The role of aggressor gender and tactics. *Journal of Sex Research*, 43(1), 87-95.
- Ray, C. M., Tyler, K. A., & Gordon Simons, L. (2018). Risk factors for forced, incapacitated, and coercive sexual victimization among sexual minority and heterosexual male and female college students. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), 2241-2261.
- Reling, T. T., Barton, M. S., Becker, S., & Valasik, M. A. (2017). Rape myths and hookup culture: An exploratory study of US college students' perceptions. *Sex Roles*, 78(7), 501-514. DOI: 10.1007/s11199-017-0813-4
- Rosa, P. J., Brazão, N., & Carvalho, J. (2021). Psychometric properties of the Sexually Aggressive Behaviors Scale: Factor structure, reliability and construct validity in a sample of Portuguese female college students. Manuscript under review.
- Schaefer, M. T., & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR inventory. *Journal of marital and family therapy*, 7(1), 47-60.
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974-986.
- Seabrook, R. C., & Ward, L. M. (2018). Bros will be bros? The effect of fraternity membership on perceived culpability for sexual assault. *Violence against women*, 25(12), 1471-1490. <https://doi.org/10.1177/1077801218820196>
- Sigre-Leirós, V. L., Carvalho, J., & Nobre, P. (2012). Early maladaptive schemas and aggressive sexual behavior: A preliminary study with male college students. *The journal of sexual medicine*, 10(7), 1764-1772. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2012.02875.x>
- Sistema de Segurança Interna (2021). Relatório Anual de Segurança Interna 2020.
- Smith, S.G., Zhang, X., Basile, K.C., Merrick, M.T., Wang, J., Kresnow, M., Chen, J. (2018). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2015 Data Brief – Updated Release. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.

- Stoner, J. E., & Cramer, R. J. (2017). Sexual violence victimization among college females: A systematic review of rates, barriers, and facilitators of health service utilization on campus. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(4), 520-533. <https://doi.org/10.1177/1524838017721245>
- Trottier, D., Benbouriche, M., & Bonneville, V. (2019). A meta-analysis on the association between rape myth acceptance and sexual coercion perpetration. *The Journal of Sex Research*, 58(3), 375-382. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1704677>
- U.S. Department of Justice. (2017). Protecting students from sexual assault. Retrieved from <https://www.justice.gov/ovw/protecting-students-sexual-assault>
- van den Berg, J. W., Smid, W., Schepers, K., Wever, E., van Beek, D., Janssen, E., & Gijs, L. (2018). The predictive properties of dynamic sex offender risk assessment instruments: A meta-analysis. *Psychological Assessment*, 30(2), 179.
- van den Berg, J. W., Smid, W., Kossakowski, J. J., van Beek, D., Borsboom, D., Janssen, E., & Gijs, L. (2020). The application of network analysis to dynamic risk factors in adult male sex offenders. *Clinical Psychological Science*, 8(3), 539-554.
- Van der Linde, R., Bogaerts, S., Garofalo, C., Blaauw, E., De Caluwé, E., Billen, E., & Spreen, M. (2020). Trajectories of dynamic risk factors during forensic treatment: growth trajectory of clinical risk factors in a sample of dutch forensic patients. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 64(15), 1491-1513.
- Warkentin, J. B., & Gidycz, C. A. (2007). The use and acceptance of sexually aggressive tactics in college men. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 829 – 850. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260507301793>
- Wheller, J.G., George, W.H., & Dahl, B.J. (2002) Sexually aggressive college males: Empathy as a moderator in the “Confluence Model” of sexual aggression. *Pers Individ Differ* 2002;33:759–75.
- Wilson, L. C., & Miller, K. E. (2016). Meta-analysis of the prevalence of unacknowledged rape. *Trauma, Violence & Abuse*, 17, 149–159. doi:10.1177/1524838015576391.
- World Health Organization. (2019). *Violence against women: intimate partner and sexual violence against women: evidence brief* (No. WHO/RHR/19.16). World Health Organization.
- World Health Organization. (2021). Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against

women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women.

Yapp, E. J., & Quayle, E. (2018). A systematic review of the association between rape myth acceptance and male-on-female sexual violence. *Aggression and Violent Behavior*, 41, 1–19. doi:10.1016/j.avb.2018.05.002